

A Rússia ensinou ao mundo como perseguir

por David Allen White, Ph.D.

Este texto foi extraído e adaptado da palestra do Dr. White à conferência:
"Os erros da Rússia preditos na literatura russa" (Solzhenitsyn).

E agora, umas observações sobre estes erros que se espalharam [a partir da Rússia]. Vou ler uns excertos do *Arquipélago Gulag*, porque apresentam muito claramente os erros que a Rússia espalhou: Ateísmo, materialismo, utopias falsas — e aqui está mais um. Citemos Solzhenitsyn:

“Aqui está um episódio daqueles dias, tal como ocorreu. Estava-se no meio de uma conferência distrital do Partido na Província de Moscovo. Estava a presidir um novo Secretário do Comité Distrital do Partido, em substituição do anterior, que tinha sido recentemente detido. Chegado o fim da conferência, era preciso fazer uma homenagem ao Camarada Estaline. Naturalmente, toda a gente se levantou (tal como, durante a conferência, toda a gente se erguia de cada vez que o seu nome era mencionado). No pequeno salão ecoaram ‘grandes aplausos, que aumentaram até chegarem a uma ovação.’

"Passaram três minutos, quatro minutos, cinco minutos, e os ‘grandes aplausos, que aumentaram até chegarem a uma ovação’ continuaram. Mas as mãos já começavam a doer e os braços erguidos já estavam cansados. E os mais velhos já estavam a arquejar de tão derreados que estavam. A situação estava a ficar insuportavelmente ridícula, mesmo para quem realmente adorasse Estaline.

"Mas quem ousaria ser o primeiro a parar? O Secretário do Comité Distrital do Partido podia fazer isso. Estava de pé na plataforma, e foi ele quem pediu a ovação. Mas ele era um novato. Tinha tomado o lugar de um homem que tinha sido preso. Tinha medo! Afinal, havia homens do NKVD [antepassado do KGB] no salão, a aplaudir e a ver quem seria o primeiro a parar.

"E naquele obscuro e pequeno salão, sem o Chefe pressentir, os aplausos continuaram — seis, sete, oito minutos! Estavam perdidos! Estavam tramados! Não podiam parar, a menos que caíssem com um ataque de coração. Para o fundo do salão, que estava à cunha, ainda se podia fazer um pouco de batota, bater as palmas com menos frequência, ou com menos força, ou com menos entusiasmo — mas ali em frente, no presidium, onde toda a gente os podia ver?

"O director da fábrica de papel local, homem de espírito independente e forte, estava junto ao presidium. Estava consciente da falsidade e da impossibilidade da situação, mas continuava a aplaudir! Nove minutos! Dez! Angustiado, olhou para o Secretário do Comité Distrital do Partido, mas este não se atrevia a parar. Uma loucura! Até ao último homem! Com um entusiasmo postiço na cara, olhando uns para os outros com uma ligeira esperança, os dirigentes distritais tinham que continuar a aplaudir até caírem onde estavam, até serem levados em macas do salão! E mesmo então, os que ficassem no salão não se atreveriam a desistir ...

"Finalmente, passados onze minutos, o director da fábrica de papel assumiu uma expressão determinada e sentou-se na sua cadeira. E, oh, deu-se um milagre! Para onde foi o

entusiasmo universal, desinibido, indescritível? Todos, mas mesmo todos, pararam e sentaram-se. Estavam salvos! O esquilo tinha tido a esperteza de saltar da sua rodinha giratória.

“Mas foi assim que descobriram quem eram as pessoas independentes. E foi assim que começaram a eliminá-las. Naquela mesma noite, o director da fábrica foi detido. Foi fácil darem-lhe dez anos, com o pretexto de qualquer coisa muito diferente. Mas depois de ele ter assinado o Impresso 206, o documento final do interrogatório, o interrogador lembrou-lhe:

‘Nunca seja o primeiro a parar de aplaudir!’”¹

Qual é o erro aqui? Um tipo diferente de colectivismo. É a noção de que somos, na realidade, como ovelhas num rebanho, e que seguiremos quem nos meter medo. Não seguiremos os que são fortes, independentes, verdadeiros, o que têm um sentido autêntico de como é absurdo viver sob uma falsidade. Deixamo-nos arrastar.

Há outras maneiras de formar colectivos, além de formar quintas colectivas. E talvez o colectivismo mais assustador que a Rússia espalhou pelo mundo seja o pensamento colectivo e a acção colectiva, em que todos pensamos o mesmo, fazemos o mesmo, sempre com medo de cometer uma imprudência.

E agora vou ler-lhes uma série de casos, que vêm também no *Gulag*, para vermos o número de coisas por que se podia ser preso. E uma razão para o fazer é simplesmente que quero que fique bem claro que devemos estar preparados para perseguições graves.

O que é que a Rússia ensinou ao mundo? Como perseguir. Vou novamente citar Solzhenitsyn:

“Um alfaiate espetou uma agulha num jornal que estava na parede, para que ela não se perdesse; por acaso, a agulha foi espetada num olho de uma fotografia de Kaganovich [um Comissário soviético]. Um cliente reparou nisto. Artigo 58, dez anos (terrorismo).

“Uma empregada de uma loja aceitou mercadorias de um recoveiro e assentou-as numa folha de jornal. Não havia outro papel. O número de barras de sabão caiu por acaso na testa do Camarada Estaline. Artigo 58, dez anos ...

“O gerente de um clube de aldeia foi com o seu porteiro comprar um busto do Camarada Estaline. Compraram-no. O busto era grande e pesado. Deviam tê-lo os dois carregados num barril de mão, mas a posição do gerente não lhe permitia fazer isso. ‘Está bem, leva a coisa nas calmas e consegues.’ E o gerente foi à frente. O velho porteiro passou muito tempo a ver como havia de fazer. Se carregasse com o busto de lado, não conseguia passar o braço à volta dele. Se o tentasse levar à sua frente, doíam-lhe as costas e podia perder o equilíbrio para trás. Por fim, lá descobriu como havia de fazer. Tirou o cinto, fez uma laçada à volta do pescoço do Camarada Estaline, e levou-o assim, pendurado ao ombro, e assim atravessou a aldeia. Bem, nem valia a pena discutir. Era um caso mais que evidente. Artigo 58, terrorismo, dez anos.

“Um carpinteiro surdo-mudo foi condenado por agitação contrarrevolucionária. Como foi isso? Estava a assentar um sobrado num clube. Tinham tirado tudo de um grande salão, e não havia um cabide nem um prego em parte nenhuma. Enquanto trabalhava, pendurou o casaco e o boné num busto de Lenine. Alguém entrou e viu. 58, dez anos.”²

Coisas destas ocupam várias páginas; é positivamente horrível. Mas começamos a compreender como dezenas de milhões de pessoas foram enviadas para os campos de concentração. E também compreendemos porque é que as pessoas começaram a denunciar os vizinhos. Se eu te denunciar, isso quer dizer que sou um bom cidadão. Portanto tenho que te denunciar antes que tu me denuncies a mim. Assim se desenvolve um sistema de pensamento que é doentio e totalmente oposto à caridade cristã. Não se pode amar o próximo como a nós mesmos; temos é que denunciar o próximo, fazer com que seja preso, antes que seja o nosso próximo a denunciar-nos.

Ora bem, isto pode parecer-nos uma loucura, mas posso garantir-lhes que todos os que aqui estão verificaram que este erro da Rússia está a espalhar-se para o Ocidente. Encontrei, nas minhas viagens, mulheres idosa, à volta dos oitenta anos, a serem despidas e revistadas nos aeroportos. Vi um funcionário tirar os sapatinhos a um bebé de seis meses para ver se continham bombas. E quando vinha para cá, fui obrigado a tirar as calças quando uma rapariga de 22 anos insistiu que eu tinha feito disparar o detector de metais mas não encontrava nada metálico na minha pessoa. Isto é uma loucura. E a razão para nos estarem a fazer isto é para nos transformar num rebanho, para que não nos queixemos e nos habituemos a o que quer que nos venham a impor. E nós estamos a comer e calar. É um erro. Vem da Rússia. E é só o começo.

Notas:

1. Solzhenitsyn, Alexander. *The Gulag Archipelago* ["O Arquipélago Gulag"] (Nova York: Harper and Row, 1973), pp. 69-70.
2. Solzhenitsyn, Alexander, *The Gulag Archipelago, II* ["O Arquipélago Gulag, II"] (Nova York: Harper and Row, 1974), pp. 293-294.